



CAPÍTULO 14

O CAFÉ FILOSÓFICO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CRÍTICA E PROTAGONISMO ESTUDANTIL

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6491426240314>

Daniel Ferreira de Lima

A experiência com o café filosófico teve início na Escola Municipal Pio Guerra, localizada na zona rural do município de São Vicente Férrer, Pernambuco, no ano de 2002, período em que o autor ainda cursava Licenciatura Plena em História pela Universidade de Pernambuco (UPE Mata Norte). Os encontros aconteciam fora do horário regular das aulas, geralmente antes do início do turno da tarde, considerando que grande parte dos estudantes dependia do transporte escolar e possuía tempo reduzido para permanência na escola. Ainda assim, os encontros eram realizados com frequência semanal, reunindo entre sete e dez estudantes nas proximidades da biblioteca escolar.

Essa organização inicial revela uma característica importante das práticas educativas transformadoras: elas nem sempre nascem em condições ideais, mas sim em contextos de limitação que exigem criatividade e compromisso. Nesse sentido, a experiência dialoga com o pensamento de Paulo Freire, ao afirmar que: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

A dinâmica dos encontros era marcada pela escolha coletiva de temas, frequentemente inspirados em materiais como a revista *Mundo Jovem*. Tal metodologia favorecia a participação ativa dos estudantes, promovendo um ambiente dialógico e reflexivo. Ao permitir que os próprios estudantes escolhessem as temáticas, o café filosófico rompia com práticas tradicionais centradas na imposição de conteúdos, valorizando a escuta e o protagonismo juvenil.

Essa perspectiva encontra respaldo também na Base Nacional Comum Curricular, ao destacar que: “a educação deve promover o desenvolvimento de competências que envolvam pensamento crítico, argumentação e autonomia” (BRASIL, 2018, p. 9).

Os estudantes participantes passaram a ser reconhecidos por professores e pela comunidade escolar como mais participativos, críticos e engajados, demonstrando melhorias significativas tanto no desempenho acadêmico quanto nas relações interpessoais. Contudo, quando esses mesmos estudantes passaram a expressar posicionamentos críticos mais firmes, emergiram tensões no ambiente escolar.

Esse movimento evidencia o que Marilena Chauí discute ao afirmar que “a sociedade muitas vezes não está preparada para o pensamento crítico, pois este rompe com a ordem estabelecida” (CHAUÍ, 2000, p. 35).

O grupo, posteriormente denominado “Amigos da Filosofia”, consolidou-se como espaço de leitura, debate e análise crítica da realidade, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também habilidades socioemocionais, como a oratória, a liderança e a mediação de conflitos. Essa experiência aproxima-se das reflexões de Matthew Lipman, que defende que: “a filosofia deve ser praticada como uma investigação compartilhada, capaz de desenvolver o pensamento crítico desde a infância” (LIPMAN, 2001, p. 52).

A ausência de critérios seletivos para participação no grupo reforçava o caráter inclusivo da proposta, permitindo que todos os estudantes interessados pudessem integrar os encontros. Os textos eram previamente disponibilizados, possibilitando maior aprofundamento e qualidade nas discussões. A organização em círculo favorecia a horizontalidade das relações, rompendo com a lógica tradicional de ensino verticalizado.

Essa organização pedagógica também dialoga com o Currículo de Pernambuco, que propõe que “a construção de práticas educativas que valorizem o diálogo, a participação e a formação integral dos estudantes” (PERNAMBUCO, 2019, p. 42).

Com o tempo, os estudantes desenvolveram forte engajamento, evidenciado pela criação do Grêmio Estudantil e pela participação ativa em eventos escolares. Esse processo evidencia que o café filosófico ultrapassou o campo da reflexão teórica, tornando-se também um espaço de ação concreta e exercício da cidadania.

Posteriormente, já como professor da rede estadual de ensino de Pernambuco, a partir de 2008, na EREM Benedita de Moraes Guerra, localizada em Macaparana, o projeto foi ampliado e estruturado sob a forma de café filosófico. Nesse novo formato, os encontros passaram a contar com maior organização, incluindo divisão de funções entre os estudantes, como presidente, secretário e responsável pela comunicação, aproximando-se da estrutura de um grêmio estudantil



FIG. 1 – logomarca do Café Filosófico



Figura 2 – Participantes do Café Filosófico. Ao fundo (da esquerda para a direita): Ademar, Júlia, Marília, Mayara, Mércia e Vinicius. À frente (da esquerda para a direita): João Víctor, Prof. Daniel Ferreira, Lília e Nicolás (2018).

Fonte: Acervo do autor (2018).



FIG. 3 e 4 – Vista parcial da realização de um Café Filosófico no auditório da EREM Benedita de Moraes Guerra, Macaparana/PE. (2018)

Fonte: Acervo do autor

A organização interna do grupo contribuiu significativamente para o desenvolvimento de competências relacionadas à liderança, responsabilidade e trabalho coletivo. Nesse sentido, a prática educativa se aproxima da perspectiva defendida por Michel de Montaigne, ao considerar que “a aprendizagem mais significativa é aquela que se relaciona com a experiência vivida” (MONTAIGNE, 1580/2002, p. 112).

A perspectiva de Michel de Montaigne reforça que o conhecimento ganha sentido quando está ligado às vivências concretas dos sujeitos, e não apenas à abstração teórica. No contexto do café filosófico, isso se evidencia na forma como os estudantes articulam suas experiências pessoais às discussões propostas. Essa conexão fortalece o engajamento e torna o aprendizado mais significativo e duradouro. Além disso, contribui para o desenvolvimento da autonomia intelectual, uma vez que o estudante passa a interpretar o mundo a partir de sua própria realidade. Assim, a prática educativa se consolida como um espaço de formação integral, onde pensar e viver se entrelaçam.

O café filosófico na EREM Benedita de Moraes Guerra, passou a desenvolver estratégias de sustentabilidade, como a criação de sócios contribuintes, permitindo a realização de eventos com maior estrutura, incluindo certificações, sorteios e momentos de convivência, como coffee breaks. A experiência também resultou na expansão do projeto para outras cidades da região, como Vicência, Aliança e São Vicente Férrer, todas localizadas em Pernambuco.



Figura 5 – Equipe do Café Filosófico reunida no auditório da Escola Estadual Joaquina Lira, em Aliança/PE (2018). Ao centro da imagem, destacam-se os professores Daniel Ferreira e Luciano, ao lado do cientista político Pedro Nascimento. Fonte: Acervo do autor (2018).



FIG. 6 – Professores organizadores do Café Filosófico na EREM Coronel João Francisco, em São Vicente Férrer/PE. Da esquerda para a direita: a professora Renata Andrade e o professor Severino Melo.



FIG. 7 – Alunos no auditório da escola confeccionando cartazes.

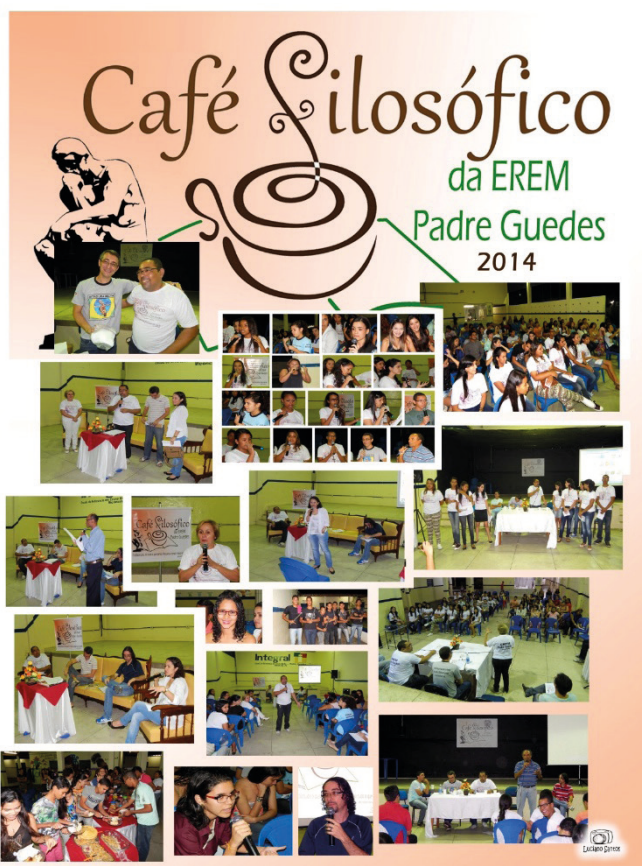


FIG 8. – Registro do Café Filosófico realizado na EREM Padre Guedes, em Vicência/PE, no ano de 2014, com a temática “Ditadura Militar”. A atividade reuniu estudantes e professores em momentos de exposição, debate e socialização de conhecimentos, por meio de apresentações orais, produção de cartazes e participação coletiva no auditório escolar. Fonte: Acervo do autor (2014).

Essa expansão evidencia o potencial multiplicador de práticas pedagógicas inovadoras, especialmente quando fundamentadas na participação ativa dos estudantes. A proposta também dialoga com as ideias de Marc Sautet, quando afirma que “o café filosófico é um espaço onde qualquer pessoa pode pensar e se expressar livremente” (SAUTET, 1995, p. 18).

A reflexão de Marc Sautet reforça a compreensão do café filosófico como um espaço democrático de construção do pensamento, no qual a escuta e a fala se tornam igualmente importantes. No contexto escolar, essa proposta amplia as

possibilidades de participação, permitindo que estudantes se reconheçam como sujeitos ativos no processo educativo.

Ao garantir liberdade de expressão, cria-se um ambiente favorável ao desenvolvimento da argumentação e do respeito às diferenças. Dessa forma, o café filosófico ultrapassa a condição de atividade complementar e se afirma como prática formativa significativa. É nesse cenário que a escola se aproxima de uma educação mais dialógica, inclusiva e transformadora.

Ao longo de sua trajetória, o café filosófico contribuiu significativamente para a formação integral dos estudantes, promovendo avanços na argumentação, na autonomia intelectual e no engajamento social. Tais contribuições estão alinhadas ao Currículo de Pernambuco e à BNCC, que reforçam a importância do protagonismo juvenil e da formação de sujeitos críticos.

Entretanto, o projeto também enfrentou desafios, especialmente no que diz respeito à resistência institucional diante de temáticas consideradas sensíveis, como política, sexualidade e religião. Em diversos momentos, houve tentativas de controle e direcionamento das discussões por parte da gestão escolar, o que evidencia tensões entre práticas pedagógicas emancipadoras e estruturas escolares tradicionais.

Essa realidade reforça a necessidade de uma educação comprometida com a liberdade de pensamento, como destaca Freire ao afirmar que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1996, p. 68).

Essa afirmação de Paulo Freire nos convida a reconhecer a pluralidade de saberes presentes no espaço escolar, rompendo com a ideia de hierarquização do conhecimento. No contexto do café filosófico, isso se materializa quando cada estudante passa a compreender que sua vivência também é fonte legítima de reflexão. Ao valorizar diferentes perspectivas, fortalece-se o diálogo e amplia-se a construção coletiva do pensamento. Assim, a escola deixa de ser apenas um espaço de reprodução e passa a ser um ambiente de produção de sentidos. É nesse movimento que se consolida uma educação verdadeiramente democrática e emancipadora.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas ao longo da trajetória do projeto, os resultados alcançados foram expressivos, impactando positivamente estudantes, professores e a comunidade escolar. A experiência mais recente reafirma a relevância do café filosófico como espaço de socialização do conhecimento e fortalecimento do protagonismo juvenil, especialmente ao articular pesquisa, cultura e prática educativa. Nesse sentido, a escola passa a se constituir como um ambiente que valoriza a escuta, o diálogo e a construção coletiva do saber, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

No dia 03 de julho de 2025, às 15 horas, foi promovido um novo café filosófico literário na Escola de Referência em Ensino Médio Creusa de Freitas Cavalcanti, localizada no município de Macaparana/PE, atual local de atuação do autor como professor de Cultura Digital. O evento foi realizado como contrapartida ao apoio recebido por meio da Lei Aldir Blanc (Lei nº 14.017/2020), cuja finalidade foi auxiliar artistas e trabalhadores da cultura durante a pandemia de COVID-19, possibilitando a execução de projetos culturais em diferentes contextos.

Participaram do evento o professor organizador Daniel Ferreira, bem como os professores Josevan Silva, Gabriel Sávio e Severina Gomes, além dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio da referida instituição. A presença de profissionais de diferentes áreas contribuiu para a construção de um espaço plural e interdisciplinar, fortalecendo o caráter coletivo da atividade e ampliando as possibilidades de reflexão dos participantes.



FIG. 9



Figuras 9, 10 e 11 – Momentos de leitura, reflexão e debate em grupos, coordenados pelos professores Severina Gomes, Gabriel Sávio e Josevan Silva (da esquerda para a direita) (2025).

Fonte: Acervo do autor (2025).

Durante o encontro, o professor Daniel Ferreira interpretou a música “Epitáfio”, da banda Titãs, utilizando sua letra como ponto de partida para reflexões filosóficas sobre o tempo, as escolhas e o sentido da vida. Em seguida, compartilhou suas experiências enquanto mestrando no contexto da pandemia, destacando os desafios do ensino remoto e as dificuldades enfrentadas no processo de escrita e publicação do livro *Juventude Passageira: o que todo jovem precisa saber sobre projeto de vida*. A atividade foi enriquecida com o sorteio de exemplares da obra, entrega de brindes personalizados e oferta de coffee break aos participantes.

Posteriormente, os estudantes do 3º ano C foram organizados em grupos temáticos, sob coordenação dos professores convidados, desenvolvendo discussões voltadas à juventude e aos projetos de vida. Ao final, os grupos compartilharam suas reflexões com os demais presentes, promovendo um diálogo enriquecedor e ampliando a diversidade de perspectivas. Dessa forma, o café filosófico reafirmou-se como uma prática pedagógica potente, capaz de transformar a escola em um espaço de formação integral, no qual pensar, dialogar e construir sentidos tornam-se elementos centrais do processo educativo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIPMAN, Matthew. Filosofia para crianças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MONTAIGNE, Michel de. Ensaios. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PERNAMBUCO. Currículo de Pernambuco. Recife: Secretaria de Educação, 2019.

SAUTET, Marc. Um café para Sócrates. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.